

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 77

Data: 18.02.81

Pg.: \_\_\_\_\_

## Índios podem atacar garimpo no Araguaia

CHICO DIAS  
Enviado especial

Um novo choque entre brancos e índios caiapós, com as características trágicas de setembro do ano passado, quando foram mortas mais de 20 pessoas, inclusive várias crianças, poderá ocorrer nas áreas de garimpo de Conceição do Araguaia e com conseqüências sérias como as das do último confronto.

Esta é a opinião de duas pessoas muito ligadas ao problema dos índios no Sul do Pará, na região limítrofe com o garimpo do Cumaru, atualmente sob controle federal, onde milhares de garimpeiros estão passando gradativamente para dentro das reservas, à procura de ouro, e onde os índios estão dando sinais de irritação. As duas pessoas são Miguel de Araújo — Miguelzinho —, que durante mais de 40 anos, com sua mulher, d. Ambrosina, trabalhou junto aos caiapós, nação a qual pertencem os gorotires — autores do último massacre na região — e o fazendeiro Francisco Ferreira, com uma propriedade próxima à aldeia, e que perdeu, no ataque de setembro, seu genro José Divino e duas netas: Aparecida, de 9 anos e Leninha, de 6, todos na Fazenda Espadilha.

Ambos, por razões diversas, estão hoje ligados aos índios. E ambos condenam a ação da Funai, que classificam como omissa, embora repressiva, na área.

Tanto o fazendeiro como o indigenista acham que o problema dos gorotires e de outros índios brasileiros é fácil de resolver: bastaria que fossem demarcadas todas as terras, evitando-se assim as invasões. Se isto já tivesse acontecido talvez o massacre do ano passado não ocorresse.

### AÇÃO

No momento, Francisco Ferreira está movendo uma ação contra a Funai tendo contratado o advogado Ronan Fidélis de Mello, um dos mais experientes da região. Uma indenização será cobrada porque o funcionário do órgão Benigno Pessoa Marques autorizou ao índio José Uter, em documento firmado em papel timbrado da Funai, a inspecionar a fazenda de Francisco.

Na abertura do documento se lê: "Sr. Francisco (Chiquinho). Informo que o índio Uter e demais índios se encontram em inspeção na área indígena. A pedido autorizei chegarem em sua residência para uma visita. Antecipadamente agradeço o apoio que nos tem dado".

A carta está datada de 25 de agosto de 1980, cinco dias antes da data do massacre na Fazenda Espadilha, ao lado da Fazenda Boa Esperança, de Francisco.

Sobre o documento, diz o advogado Ronan Fidélis de Mello que "se trata de

uma disparidade e de um absurdo: Todo mundo sabe que o índio é considerado legalmente irresponsável e tutela da Funai. Como é que se dá uma autorização destas? Pela lei, o responsável é quem o tutela, ou seja, a Funai. Espero concluir esta ação o mais breve possível para que possa ser julgada logo.

Por incrível que pareça, Francisco não tem raiva dos gorotires. Seu ressentimento se volta todo contra a Funai, por não demarcar as terras, como frisa, o que até hoje o tem impedido de voltar a sua fazenda, com medo de novas investidas. Ele acredita que episódios como o que ocorreram na Fazenda Espadilha já eram esperados. Aliás, na carta que a Funai lhe enviou, autorizando a inspeção pelos índios, lê-se no final: "Quanto ao problema das terras, a Funai já colocou em concorrência o trabalho do picadão e ainda não sabemos a firma que ganhou, mas fui informado que ainda no ano corrente (1980) está sendo cartada esta área. Qualquer imprevisto por parte dos índios solicito v.s. informar através dos índios deste posto".

Francisco também acusa o fazendeiro Joaquim Alves de Freitas, que era dono da Fazenda Espadilha quando houve o massacre. Segundo ele, Joaquim havia prometido muita coisa aos índios, inclusive um boi, e, além de não cumprir as promessas, nos últimos tempos que antecederam o massacre, deu para hostilizar violentamente os gorotires.

### ORAÇÃO INÚTIL

Uns 15 dias antes do massacre da Fazenda Espadilha, um pequeno grupo de gorotires esteve na casa de Miguelzinho, em Conceição do Araguaia, para comunicar-lhe que estavam dispostos a reagir contra os brancos.

A confiança que Miguel de Araújo desperta em todas as tribos é imensa e conhecida por toda a população local. Basta dizer que todos os índios o chamam de "papai".

"Durante horas a fio eu tentei demovê-los de atitudes violentas, conta Miguel. Até mesmo um culto religioso nós fizemos e gravamos, pois entre eles havia alguns protestantes, como eu. Mas de nada adiantou e eu vi que se continuasse ia acabar perdendo a confiança que eles têm em mim. Nunca pensei que a violência podia chegar a tanto, como o que ocorreu em Espadilha."

Em seu velho gravador, ele mostra uma fita onde estão gravadas músicas religiosas cantadas em caiapó e uma prece, onde, visivelmente emocionado e chorando, Miguelzinho, entre outras coisas, pede: "Acompanha os índios, meu Senhor, nesta luta. Pois, Senhor, tu sabes a luta que eles têm para conseguir as suas terras. Toca no coração destas autoridades, Senhor, para olhar para eles, meu Deus. Para que não seja preciso que eles lutem com suas armas".